

8. Bichas e viados

SOBREPOSIÇÃO DE EIXOS DE DOMINAÇÃO

Homens afeminados não sofrem preconceito *porque* eles *são* gays. Afinal, homens afeminados podem ser heterossexuais, e homens amasculados podem ser gays. Portanto, não há relação direta entre afeminação e orientação sexual. Homens afeminados também não sofrem preconceito *porque* eles *são* trans. Afinal, se eles se identificam como homens, a sua afeminação não faz com que eles deixem de ser cis. No entanto, os homens afeminados sofrem preconceito *porque se acredita* que eles sejam gays ou que eles “queiram” ser trans. Portanto, a afeminofobia também é homofobia e transfobia, mesmo que os alvos do preconceito não sejam gays ou trans. De todo modo, o preconceito contra homens afeminados não tem ligação direta com a sua sexualidade nem com a sua identidade de gênero. Ele está ligado à sua *manifestação de gênero*, que é uma variável ligada ao gênero, mas atribuída também à sexualidade, uma vez que se pressupõe que pessoas com determinadas manifestações de gênero teriam determinadas orientações sexuais. Nesse sentido, palavras como “bicha” e “viado” estão, num primeiro momento, mais ligadas a gênero do que a sexualidade.

A afeminofobia é um preconceito imbricado entre questões de sexualidade e gênero, que não cabe em discussões restritas à “hete-

ronormatividade” ou à “cisheteronormatividade” apenas. Ela só pode ser entendida a partir da *cisheteronormatividade*, enquanto conjunto de normas que relacionam a sexualidade e o gênero. De fato, a palavra “heteronormatividade” é usada habitualmente com um significado que abarca também a cisgeneridade. Apesar disso, o uso da palavra “cisheteronormatividade” evidencia a potência do imbricamento entre gênero e sexualidade. A cisheteronormatividade pressupõe que um corpo “masculino” (com pênis) e um “feminino” (com vagina) sempre se atraem mutuamente. Ela vê a heterossexualidade e a cisgeneridade como intrínsecas e naturais ao ser humano, sendo qualquer desvio considerado antinatural e sujeito a perseguição, correção e destruição.

O discurso cisheteronormativo correlaciona sexo e reprodução. Para ele, uma relação de natureza sexual entre duas pessoas só é legítima se elas tiverem a capacidade de gerar filhos por meio do sexo. Por isso, um relacionamento entre duas pessoas do mesmo sexo seria visto como antinatural. Contudo, esse discurso ignora que nem todos os casais heterossexuais cishêneros têm a capacidade de ter filhos por meio do sexo, e nem por isso sua relação é deslegitimada. Ignora também que casais do mesmo sexo podem adotar ou recorrer a tecnologias de fertilização artificial se quiserem ter filhos. Mas, acima de tudo, esse pensamento ignora que não há relação direta entre sexo e reprodução, estando o primeiro de forma muito mais frequente relacionado à busca pelo prazer, inclusive entre casais heterossexuais. Isso ocorre de forma permanente no caso de casais heterossexuais que podem, mas decidem não ter filhos, sem que a sua relação seja deslegitimada.

A identidade cisgênera é tomada como norma mesmo quando vamos definir o que é a transgeneridade. As pessoas trans seriam “diferentes” por não se identificarem com o gênero de designação e por quererem fazer mudanças corporais. Isso porque o “normal” seria se identificar com o gênero de designação e não querer fazer intervenções visando uma alteração de características corporais relacionadas a gênero. “Transexualismo” era o termo usado para se referir à transgeneridade como uma patologia. Numa perspectiva binária, ele era definido como o desejo de fazer alterações corporais para se conformar ao “sexo oposto”. Eli Rosa (2020) chama a atenção para o fato de que a palavra “cissexualismo” nunca existiu, já que a cisgeneridade nunca foi vista como uma patologia. No entanto, diversas pessoas cis realizam alterações corporais para se conformarem ao seu próprio gênero, como cirurgias plásticas e implantes de silicone, por exemplo. Esse desejo, contudo, nunca foi patologizado.

No que tange às experiências de transgeneridade, um conceito importante é o de “passabilidade”, que se refere à possibilidade de uma pessoa trans “se passar” por cisgênera. Geralmente, a passabilidade se torna possível apenas por meio da utilização de diversas tecnologias corporais, como cirurgias, terapia hormonal, vestuário e manifestações de gênero em conformidade com o gênero de identificação. A busca por passabilidade surge como uma estratégia de autoproteção e de maior aceitação em espaços cisheteronormativos. Passar-se por cisgênero, a partir de um olhar transfóbico, pode soar como contar uma mentira: é como se a pessoa tivesse a obrigação de “avisar” sobre sua transgeneridade para não “enganar” as outras pessoas.

É possível pensar no conceito de passabilidade aplicando-o também à manifestação de gênero de homens gays. Afinal, o senso comum relaciona a afeminação com a homo-orientação, de modo que os gays amasculados tornam-se “passáveis”, ou seja, são vistos como heterossexuais. Assim como as pessoas transgêneras não passáveis são alvo de maior preconceito e violência, as bichas e viados também o são em relação aos gays amasculados. Por isso, a passabilidade para homens gays também serve como estratégia de autoproteção e como tentativa de maior aceitação. Leonardo Martinelli (2020) fala sobre gays que, nas arquibancadas dos estádios de futebol, precisam se passar por heterossexuais para não serem alvo de discriminação. Ângelo (ManoTauros, 2018) demonstrou a dificuldade de gays passáveis decidirem sair da sua zona de conforto e encabeçarem uma pauta identitária.

Todo campeonato [“hétero”] que eu disputo tem gays. Não assumido ou assumido. Mas a maioria não tão disposta a jogar em times gays, porque acha que a qualidade do futebol é ruim. E realmente é ruim. Ou porque não querem se expor, ou porque não querem se apegar a algum rótulo... Ou outros porque realmente não são assumidos, e, aí, complica, né? (Ângelo, ManoTauros, 2018)

No entanto, parte da militância LGBTQIAPN+ tem questionado a adoção do modelo cisheteronormativo por parte de homens gays, defendendo o direito de não se encaixarem nesse padrão. Esse movimento representa um orgulho de transgredir as normas tradicionais de gênero.

SEPARANDO O GÊNERO DA SEXUALIDADE

Há muitas décadas, o movimento LGBTQIAPN+ vem tentando separar as identidades não cisheteronormativas em categorias distintas: identidade de gênero, orientação sexual, anatomia sexual etc. No Apêndice B, há uma explicação sobre esses termos, mas irei desenvolvê-los de uma outra maneira aqui. A *identidade de gênero* seria a forma como o sujeito se identifica em relação a gênero: homem, mulher, travesti, não-binária etc. As identidades de gênero poderiam ser cis ou trans: *cis* seriam aquelas que correspondem ao gênero de designação, e *trans* aquelas que divergem dele. A *orientação sexual* indicaria por quem a pessoa se sente atraída: heterossexual, homossexual (gay, lésbica), bissexual, assexual, pansexual etc. A *anatomia sexual* diria respeito à adequação ou não dos corpos a designações binárias ao nascer: endossexual ou intersexual. A categoria “*queer*” serviria como um coringa não identitário nesse esforço, abarcando sujeitos não normativos que não se encaixam nessas identidades ou passeiam por elas sem se fixar em nenhuma. Curiosamente, ao mesmo tempo, a palavra *queer* também serve de guarda-chuva para representar a comunidade inteira no lugar da sigla LGBTQIAPN+.

O esforço de dividir essas categorias é importante por alguns motivos. O primeiro é diminuir a hegemonia dessas identidades. Há algumas décadas, o movimento LGBTQIAPN+ era conhecido apenas como “movimento gay”. Todas as pessoas nessa comunidade eram conhecidas como gays: lésbicas, travestis, mulheres trans, não-binárias etc. Mas apenas os homens homossexuais de fato eram visi-

bilizados e tinham suas demandas alcançadas. Separar e definir as identidades traz visibilidade e faz com que as pessoas entendam a peculiaridade de cada subgrupo. Isso gera ganhos políticos: as necessidades específicas de cada grupo identitário podem ser conhecidas, a representação e a representatividade²⁵ dessas pessoas podem aumentar e melhorar. A segunda vantagem é gerar iluminações. Até outro dia, o mais comum era que as pessoas confundissem o desejo sexual de alguém com a sua identificação com determinado gênero. Por exemplo: poucas pessoas entendiam a diferença entre um homem gay e uma mulher trans. O mais comum era que se acreditasse que ambos eram homens que “queriam” ser mulheres e se sentiam atraídos por outros homens. Separar as identidades mostra que as vivências são diferentes: o primeiro é um homem que se sente atraído por outros homens, e a segunda é uma mulher, independentemente de por quem ela se sente atraída. Assim, é possível entender que uma mulher trans pode ser lésbica ou hétero, por exemplo: ela é hétero quando se sente atraída por homens, e lésbica quando se sente atraída por outras mulheres.

Portanto, a política de identidades traz diversos ganhos. Porém, ela tem limitações, e, em muitos aspectos, elas estão ligadas à própria natureza da linguagem. Vamos nos voltar para animais de outra espécie para fazer uma metáfora. Se eu digo “cachorros”, essa palavra abarca centenas de raças diferentes. Então, eu posso dividi-los

25 Estou considerando aqui “representação” como a forma como um grupo é visto socialmente e “representatividade” como a presença de membros desse grupo em diferentes espaços de visibilidade e poder.

em “poodles”, “labradores”, “*rottweilers*”, “bulldogues”, “vira-latas” etc. Mas eu ainda posso dividir cada um pela cor. Os poodles, por exemplo, podem ser pretos, brancos, marrons, cinzas etc. Eu posso continuar dividindo pelo tamanho: os pretos, por exemplo, podem ser pequenos, médios ou grandes. Seria possível dividir ainda mais os pequenos entre os que têm mais ou menos de 30cm – começa a faltar palavras para nomear os subgrupos. No limite, eu posso dizer que o meu cachorro-poodle-preto-pequeno-com-menos-de-30cm é completamente diferente do seu cachorro-poodle-preto-pequeno-com-menos-de-30cm. As categorias geram uma ilusão perigosa de que todos dentro delas são iguais, mas dois indivíduos nunca são. Os *pitbulls* carregam o estereótipo de serem violentos, mas nem todos são, e isso é prejudicial para os que são dóceis. Por outro lado, se fosse necessário debater regras para coberturas de planos veterinários, os tutores de *pugs* provavelmente demandariam maior cobertura para problemas respiratórios. Isso porque essa é uma necessidade que beneficiaria todo esse subgrupo. Voltando para os animais da nossa espécie, as categorias identitárias com as quais nos subdividimos também trazem vantagens e desvantagens políticas. Contudo, de uma forma ou de outra, elas sempre têm limitações, porque nunca abarcam sujeitos iguais, apenas indivíduos com algumas características em comum.

Desse modo, as categorizações da comunidade LGBTQIAPN+ têm algumas fraquezas, das quais destaco cinco. A primeira é que essa sigla sempre precisa crescer, porque novas identidades aparecem demandando inclusão. Não à toa, o “+” foi incluído com uma

forma de antever essa demanda. A segunda é que as identidades têm limites de compatibilidade. Qual é a orientação sexual de uma pessoa não-binária, por exemplo? Se uma pessoa não é homem nem mulher (ou travesti), como ela pode ser homossexual ou heterossexual? Ume não-binárie que se sente atraída por homens é o quê? Recentemente, para tentar resolver essa demanda, têm sido usados os termos “androssexual”, quando a pessoa se sente atraída por pessoas com manifestação de gênero masculina, e “ginessexual”, quando se sente atraída por pessoas com manifestação de gênero feminina. A terceira é que a hegemonia pode ser diminuída, mas nunca eliminada completamente. O “G” da sigla representa os homens homossexuais, mas os afeminados e os amasculados nesse grupo têm demandas diferentes, e, em situações como essa, um subgrupo acaba sendo invisibilizado. A quarta é que as identidades promovem certo “encaixotamento” das vivências: ser mais livre em relação a rótulos pode dar mais liberdade para vivenciar desejos e manifestações. Definir-se como gay, por exemplo, pode acabar funcionando como uma sentença sobre quem você pode desejar. A quinta são os estereótipos: a tendência é que muitas pessoas imaginem que todas as pessoas representadas por cada letra sejam iguais. Muitas vezes, a referência para isso é a mídia, com suas representações nem sempre positivas.

BICHISSE E VIADAGEM COMO CATEGORIAS

Agora, quero me deter em uma limitação bem específica dessa categorização. A ausência das categorias “bicha” e “viado”. A sigla da

comunidade LGBTQIAPN+ não tem “V”, e o “B” que existe nela significa outra coisa. As bichas e os viados estariam incluídas e incluídos dentro do “G”. Mas a divisão entre sexualidade e gênero faz sentido quando olhamos para essas identidades? Para fins analíticos, bichas e viados deveriam mesmo ser vistos como parte da categoria gay ou como categorias diferentes que fazem uma interseção com ela? Para Giancarlo Cornejo (2011), a afeminofobia está ligada à necessidade de desvinculação entre a homossexualidade e a transgeneridade, uma vez que a transgeneridade é vista como menos legítima. O autor enfatiza a necessidade de resgatarmos conexões e sobreposições entre a transgeneridade e a homossexualidade. Nesse mesmo sentido, Leandro Colling (2015, p. 21-22) também faz a pergunta: “um gay afeminado, por exemplo, que não performa o seu gênero da maneira como exige a norma, é trans ou cisgênero?”

Um jogador do Afronte (SP) com que conversei, no dia do aniversário do Bhabixas no Mineirão, disse-me que havia uma pessoa com aparência feminina que havia jogado no time dele, mas ele não sabia definir a identidade dela. Ele se referia à mesma pessoa que Lúcio (Bhabixas, 2023) havia identificado como uma mulher trans, mas que não se define assim em suas mídias sociais. Essa pessoa jogou a 5ª edição da Champions LiGay. No meu diário de campo, eu cheguei a anotar que identifiquei um possível jogador não-binário. Talvez tenha sido ela, mas não me recordei da feição desse jogador quando busquei fazer essa relação posteriormente. De todo modo, essa pessoa se define como “gay” e “viado”. Esse foi um exemplo evidente, encontrado em campo, de como a identificação dessas identidades

pode ser borrada. Nesse sentido, Leandro Silva (2015, p. 8) defende a potência da viadagem de desconstruir a hegemonia masculina pelo lado de dentro, através da feminilidade: “a viadagem desconstrói na medida em que ela mesma é o resultado da força feminina agindo sobre a masculinidade. Por isso as mulheres, apesar de excluídas da viadagem, não deixam de comparecer nesse jogo”.

Leandro Colling, Murilo Arruda e Murillo Nonato (2019) apropriam-se do conceito de performatividade de gênero de Judith Butler (2003) para analisar as manifestações de gênero de gays afeminados. Para isso, eles cunham o termo “perfechatividade de gênero”. Isso porque a gíria “fechação” remete a uma manifestação de gênero hiperafeminada. Os autores se questionam se, do ponto de vista de Butler, essa manifestação de gênero poderia ser vista sob o viés da performatividade, fugindo às normas e subvertendo a citacionalidade, ou se só poderia ser encarada como uma performance, intencional e deliberada, como no caso das drag queens abordado pelo autor. Eles chegam à conclusão de que essa dicotomia não pode ser aplicada de forma adequada nesse caso.

Os autores afirmam que, em alguns momentos, os gays afeminados intensificam a sua fechação. Nesses momentos, a ideia de performance poderia fazer mais sentido. Porém, os autores também explicam que, em outros momentos, os gays afeminados diminuem a sua fechação, operando novamente pela lógica da performance, em especial quando estão em situações de risco. Na verdade, os gays afeminados estariam sempre alternando entre “ficar molinho” e “ficar durinho”, ou seja, entre se soltar e se segurar. Nesse último momen-

to, os gays fazem um esforço para serem tão amasculados quanto possível. Em outras palavras, esses gays alternam entre uma manifestação de gênero mais espontânea e uma manifestação de gênero mais intencional.

Mas esses estados não podem ser vistos de forma dicotômica, já que a fechação também pode ser uma ampliação intencional da afeminação. A diferenciação entre essas manifestações de gênero não se dá apenas nos gestos, mas também no vocabulário desses gays, que usam palavras e expressões ligadas à afeminação em um momento e não em outro. Porém, segundo os autores, esses dois estados acabam se misturando em algum grau, pois traços ligados a um deles manifestam-se também no outro como resultado das “repetições performativas”. Isso acontece não só quando algum gesto afeminado surge em meio a uma situação em que eles tentam ser mais masculinos, mas também nos momentos de fechação: sem querer, traços do gay durinho apareceriam em alguns momentos. Os autores acreditam que isso leve a uma leitura a partir da performatividade de gênero: repetir os gestos nesses dois momentos faz com que eles sejam amalgamados na materialidade de seus corpos, demonstrando um limite na capacidade de controlá-los.

Nos termos que tenho proposto, essas observações apontam para a impossibilidade de separar dicotomicamente as manifestações de gênero espontânea e intencional, como dissemos anteriormente. Afinal, gestos espontâneos podem vir *em meio* a uma manifestação de gênero intencional, bem como gestos intencionais podem se tornar tão *habituais* para o sujeito que ele pode passar a *repeti-los* de

forma *irrefletida*. A partir dessa discussão sobre perfechatividade, os autores voltam a questionar os limites entre cisgeneridade e transgeneridade. Para eles, o fato de considerarmos gays afeminados como cisgêneros implica que, no mínimo, há uma grande variedade dentro da própria cisgeneridade.

Na 5ª edição do Champions LiGay, percebi que um jogador do Bharbixas estava agindo de modo “caricatural”, reproduzindo o estereótipo de bicha, e fiquei pensando se era por “zoação”. De certo modo, é o que diversos membros do time também fazem nas fotos para as mídias sociais e em alguns momentos dos jogos e competições. Por outro lado, também é o que os membros do ManoTauros e de outros times fazem ao posarem de forma séria para fotos. Nesse aspecto, em alguns momentos, a manifestação de gênero afeminada dos membros do Bharbixas, bem como a amasculada dos membros do ManoTauros, pode ser *mais intencional do que espontânea*. Assim como nas performances que denunciam o caráter artificial das performatividades (Butler 2003), essas apresentações relativamente artificiais de si – no caso, seriam mais *potencializações* – teriam finalidades e consequências políticas. No entanto, aqui, elas estariam ligadas possivelmente a uma *defesa* de sua manifestação de gênero espontânea através de uma *manifestação hiperbólica* dela.

Ainda pensando sobre o significado e a pertinência das categorias bicha e viado, cabe refletir também sobre a legitimidade dessas palavras. “Bicha” e “viado” são termos historicamente usados para se referir de forma pejorativa a determinados sujeitos. Entretanto, também são formas com as quais esses próprios sujeitos frequentemente

te se tratam e, algumas vezes, como preferem se autodefinir. Nesse sentido, essas palavras carregam uma dicotomia: podem ser ofensivas ou afirmativas, dependendo do contexto. Traçar os limites entre esses dois usos não é simples. Uma primeira ideia, que é defendida com frequência, é a de que apenas as bichas e os viados podem se chamar dessa forma. Assim, uma pessoa hétero cis não poderia usar essas palavras para se referir a uma pessoa LGBTQIAPN+, mas pessoas dessa comunidade poderiam se referir a si mesmas e umas às outras as utilizando. Uma segunda perspectiva, mais subjetiva, seria pensar não a partir de quem fala, mas sim da intenção do uso dessas palavras.

Pode ser difícil definir objetivamente como identificar se as palavras bicha e viado estão sendo usadas de forma pejorativa ou não, mas talvez seja menos difícil fazer essa identificação na vivência de cada situação. A nossa linguagem tem diversos sinais que apontam para o significado que queremos dar para cada palavra durante a interação: o tom de voz, a ênfase em alguma palavra, os gestos, as expressões faciais, os risos, os silêncios etc. Uma forma que se destaca como uso ofensivo dessas palavras é colocá-las no diminutivo: “viadinho” e “bichinha”. Nesses casos, o diminutivo marca inferiorização, tal como em “mulherzinha”, por exemplo. Quem cresceu sofrendo violência verbal por causa de sua manifestação de gênero costuma saber muito bem como fazer esse tipo de identificação. Nesse caso, qualquer pessoa poderia usar as palavras viado e bicha, desde que não seja de maneira pejorativa.

A palavra viado, em especial, carrega um interessante terceiro uso que se relaciona com os outros dois já citados. É que ela tam-

bém costuma ser usada como vocativo em interações entre amigos homens heterossexuais. Não me refiro a quando um homem heterossexual chama outro de viado para ofendê-lo, mas sim quando essa palavra é inserida displicentemente no meio das frases entre dois amigos, com um significado semelhante a “cara”: “Você não vai lá hoje não, viado?”, “Pô, viado, eu não tou querendo ir não”. O “viado”, aqui, surge como um jogo: uma maneira de tratar o outro ao mesmo tempo provocativa, mas também carinhosa, porque demarca uma brincadeira entre amigos. A palavra poria em risco a masculinidade do outro, mas o outro devolve com a mesma palavra, e ambos sabem que a masculinidade de nenhum está de fato sendo questionada porque é tudo uma piada. Nesse caso, os viados mesmo, que são realmente viados, são os que continuam sendo ridículos.

Chama a atenção que a demanda pelo que seria politicamente correto pode acabar impondo aos próprios viados que eles não possam ser chamados assim. Na ânsia de tentar proteger a comunidade LGBTQIAPN+ de insultos, os aliados dessa comunidade definem, em nome dela, que as palavras que são usadas para insultar também não podem ser usadas em nenhum contexto. É uma perda do direito de se apropriar das palavras. É como se elas pertencessem ao opressor. No entanto, a palavra “*queer*”, usada hoje como sinônimo de LGBTQIAPN+, também já foi uma palavra ofensiva, posteriormente ressignificada pela comunidade. O mesmo ocorre com o termo “bicha”, que era considerado apenas um xingamento, mas hoje também vem sendo apropriado e ressignificado.

A palavra bicha está presente no nome do time de futebol LGBTQIAPN+ belo-horizontino que se orgulha de ser afeminado. Rober-

to (Bharbixas, 2018) me contou como o nome Bharbixas havia sido explicado para ele por outro membro, quando ele entrou no time: “‘Bhar’ porque BH é a capital dos bares – com ‘BH’ o ‘Bhar’ –, e ‘bixas’ porque o time é bem bicha, a gente é bem bicha”. Pedro (Bharbixas, 2018) também afirmou que o nome do time contém “‘bixas’ porque “é um monte de bicha jogando bola”. Lúcio (Bharbixas, 2023) explicou que o “bar”, presente no nome, tem um significado para além do fato de BH ser a capital dos bares, e esse significado foi, na verdade, o que originou o nome do time: “porque a gente sempre ia pros bares hétero e tal. A gente ia lá, ocupava aquele espaço, todo mundo de chuteirinha, meião, e o pessoal ficava meio que olhando. Aí, a gente falou assim: ‘gente, nós somos as bichas de bar, né?’ Aí, surgiu esse nome Bharbixas”.

Além disso, a figura escolhida para o brasão e o mascote do time foi o veado. Portanto, ambas as categorias de autorrepresentação “bicha” e “viado” fazem parte da identidade desse time. Roberto (Bharbixas, 2018) contou, ainda, sobre a apropriação do termo “poc”²⁶, também usado para se referir a gays afeminados, por parte de alguns membros do Bharbixas: “hoje em dia eles usam o termo brincando uns com os outros, tipo: ‘ah, sua poc!’”. Mas numa forma saudável. Se apossando de um termo que sempre foi usado pra diminuir, fazendo o contrário”. Mesmo que os membros do ManoTauros

26 O termo “poc” vem do barulho de sapatos de salto alto batendo no chão.

De forma geral, quer dizer afeminado. Mas também é usado especificamente como sinônimo de “bicha pão com ovo”, que seria uma bicha pobre, geralmente mais nova.

tentem se afastar da ideia de afeminação, pelo menos Ângelo (Mano-Tauros, 2018), um dos fundadores desse time, usava a palavra “viado” com naturalidade. Conversando comigo, ele chamou um colega que estava no local de “viado” algumas vezes. Posteriormente, ele me disse que chama todos seus amigos assim, inclusive os heterossexuais. Ele até me chamou também de viado, como vocativo, uma vez, na segunda entrevista que fiz com ele (em 2023).

Outra questão em torno das categorias bicha e viado é que elas são locais e, portanto, dizem de formas de viver o gênero e a sexualidade que são nossas, e não importadas de modelos genéricos internacionais, como a palavra “gay”, por exemplo. Essas importações podem acarretar um perigo de que categorias estrangeiras fagocitem as diferentes identidades locais. Afinal, quantas identidades podem ser invisibilizadas pela categoria “gay”? É importante que cada um tenha o direito de se chamar da maneira como quiser, já que os sistemas classificatórios variam também de acordo com outros pertencimentos, como raça e classe. No entanto, podemos dizer que gay é uma categoria muito mais higienizada que bicha e viado. Na verdade, o maior risco é de que nossas identidades sejam definidas de forma colonialista. A adoção de identidades globais, como gay, implica nesse problema. Butler (2019, p. 34) afirma que a linguagem produz corpos e sujeitos, uma vez que ela “não faz apenas uma constatação ou uma descrição desses corpos, mas, no instante mesmo da nomeação, constrói, ‘faz’ aquilo que nomeia”. Apesar de o autor estar falando da heteronorma, que separa os corpos em homens e mulheres, esse raciocínio poderia ser estendido para situações em que corpos são nomeados como viados ou gays, por exemplo.

Para um olhar interno e externo à comunidade LGBTQIAPN+, o gay é a identidade hegemônica, que, até certo ponto, não precisa mais se explicar, nem se justificar, nem demandar sua própria existência. Já a bicha e o viado são subalternizados dentro da subalternização. A palavra viado remete ao veado, animal considerado frágil e delicado, características opostas à masculinidade hegemônica, representado de forma afeminada no filme *Bambi* (Disney 1942). Ela também costuma ser associada à palavra “transviado” (sinônimo de “desviado”), usada no passado para se referir a sujeitos que se desviavam do caminho considerado correto – como os homens homossexuais. A palavra “bicha” também remete a animais, os “bichos”, de forma genérica. O uso da palavra no feminino, por sua vez, denota a afeminação dos homens assim nomeados. A escolha de termos que remetem a animais de outras espécies tem como objetivo desumanizar esses sujeitos, vistos como não homens. É o mesmo movimento que a cultura ocidental faz ao aproximar a mulher do polo da natureza. Silva (2015) ainda defende que o “erro” ortográfico que gera a palavra viado (ao invés de veado), também representa a visão dessa identidade como incorreta.

No futebol, a figura do animal veado ocupa um lugar central num dos principais símbolos da homofobia presentes nesse esporte: a camisa 24. Tradicionalmente, foge-se da camisa 24 como quem foge de ser identificado como viado, por isso, ela costuma ser tão evitada. Isso porque, no jogo do bicho, 24 é o número que representa o veado. No entanto, isso vem mudando. Na última Copa do Mundo, o Brasil utilizou a camisa 24 pela primeira vez. Antes disso, apenas 4 times

da Série A do Campeonato Brasileiro já usavam esse número em suas camisas, sendo o Atlético Mineiro um deles. Daniel (ex-Bharbixas, 2023) contou sobre uma ação, promovida pela LiGay, de colocar uma camisa 24 na estátua do Pelé em Santos (SP).

BICHAS VERSUS MANOS: AS IMPOSSIBILIDADES DE CONVIVÊNCIA

Podemos dizer que, no início do Bharbixas, o ManoTauros já existia dentro dele. É que os membros fundadores do segundo time já apareciam de forma bastante separada do restante da equipe. Roberto (Bharbixas, 2018) me contou sobre as impressões que teve quando foi convidado para entrar no grupo de *WhatsApp* do Bharbixas, pouco tempo depois da formação do time.

No início, eu entrei, tava uma discussão danada no grupo. Era uma confusão danada. Era claro que tinham dois movimentos. Um de pessoas que queriam jogar futebol. Parecia que eram os mais focados só no futebol e, pela forma como se expressavam, pela forma como as discussões caminhavam, *parecia ser até cis mesmo ou hétero...* Não hétero próprio. Mas o jeito que o outro grupo que era, pelo que eu entendia, pelo que eu via, ouvia dos áudios, via os memes que mandavam, era um grupo de pessoas talvez mais afeminadas e que tavam pensando não só no futebol, mas no movimento. E isso criou uma discussão principalmente no nome do time. E quem não concordava com “Bharbixas” falava exatamente que não queria reproduzir o conceito de bicha, que não queria levar isso e que queriam nomes de times mesmo de futebol. Igual depois nas-

ceu “ManoTauros”, que foi um outro time de um ex-membro que saiu e fundou. (Roberto, BhARBixas, 2018)

Naquele momento, os dois grupos faziam parte do que era o BhARBixas, e não era possível dizer que o grupo afeminado era a parte “verdadeira” do time. Uma disputa se colocava. Disputa pelo estabelecimento de um padrão de masculinidade que fosse hegemônico dentro da equipe. Afinal, se o modelo hegemônico fora do BhARBixas é o do homem másculo e viril, como Raewyn Connell e James Messerschmidt (2013) discutem, dentro do time, a reprodução dessa hierarquia aparentemente não era automática. Roberto (BhARBixas, 2018) apontou que, quando a identidade visual do time estava sendo formada, também houve resistências: “alguns que não queriam rosa, alguns que não queriam o viadinho lá. Não queriam nada que ligasse ao LGBTQI+. Algumas pessoas queriam um meio pra jogar futebol com gays, mas que fosse do mesmo jeito praticamente que é o hétero cis”. A cisheteronormatividade, portanto, era algo que um grupo perseguia enquanto o outro repudiava. As posições não eram apenas diferentes, eram diametralmente opostas. Quando Roberto (BhARBixas, 2018) decidiu ir a uma pelada pela primeira vez, ele percebeu a mesma divisão que havia encontrado no grupo do *WhatsApp*.

Cheguei lá, e o que que eu vi? Exatamente dois grupos. Num canto, um grupo de gays *padrão cis*, com camisas de time, camisas, sei lá, do Cruzeiro, do Atlético, do Flamengo, da Argentina, e batendo bola, brincando com a bola já. Conversando mais grosso, com um *estilo muito mais padrão*. E, de um outro lado, uns gays mais afeminados dançando, tocando

Beyoncé, Anitta, e a galera dançando e rebolando. (Roberto, Bharbixas, 2018)

A divisão não era apenas ideológica. Ela era física: os dois grupos não interagiam entre si. Pedro (Bharbixas, 2018) elencou a afemi-
nação dos demais membros do time como um dos motivos que
teriam levado os membros fundadores do ManoTauros a saírem do
Bharbixas. Na verdade, teria havido uma “desculpa” para a cisão,
porém, no fundo, ela teria ocorrido por causa do incômodo com a
manifestação de gênero dos jogadores afeminados.

O nosso treinador, o Eduardo, ele jogava com a gente, saiu
do Bharbixas e montou o próprio time. Segundo ele, por
“divergências filosóficas”. Foram os termos que ele usou.
Porque, nas competições, a gente tem uma preocupação mui-
to grande de oferecer espaço pra todo mundo jogar nas com-
petições, de fato. [...] E Eduardo era um pouco mais competi-
tivo. [...] E eu acho que por esse motivo e pelo fato também do
nosso time se orgulhar de ser um time afeminado, isso talvez
tenha afastado ele. Aí, ele montou o ManoTauros, que é o time
dele. O time que surgiu foi basicamente isso, tipo: “ah, não
quero fazer parte dessas bichinhas aí não, vou montar meu
time”. aí, é o ManoTauros [“Tauros” dito com ênfase e voz
grave]”, sabe? Coisa máscula [“máscula” dito com voz grave
e rouca]. (Pedro, Bharbixas, 2018)

Percebe-se que há uma narrativa oficial que atribui a cisão ao
perfil competitivo dos membros fundadores do time dissidente, mas,

por trás, há uma convicção de que a causa foi outra. Em um primeiro momento, Ângelo (ManoTauros, 2018) também justificou a saída do BhARBixas da maneira oficial: “que o nosso time tivesse mais foco no futebol, o foco principal fosse o futebol”. Porém, em seguida, ele também acabou revelando a outra versão.

No início, a gente tinha uma... assim, *pelas falas não faladas*, a pretensão era um time mais... é... Odeio essa palavra, mas fica muito nesse sentido de um time mais *heteronormativo*... é... que fosse o *oposto* do que é o BhARBixas. Mesmo porque a gente saiu de lá meio que também por um tantão de coisa, mas também por isso. (Ângelo, ManoTauros, 2018)

Figura 14 – Foto da equipe do BhARBixas em 19 de maio de 2018



Fonte: *Instagram/BhARBixas*

Descrição: A equipe do Bharbixas está uniformizada e posando com a bandeira LGBTQIAPN+. Parte dos jogadores faz poses afeminadas.

Figura 15 – Foto da equipe do ManoTauros em 12 de julho de 2018



Fonte: *Instagram/ManoTauros*

Descrição: A equipe do ManoTauros está posando uniformizada com a bandeira do time. Eles estão em uma formação séria e de braços cruzados.

Por mais que não goste do termo “heteronormativo”, faltava a Ângelo (ManoTauros, 2018) uma forma mais efetiva para caracterizar o modelo que os membros fundadores do ManoTauros buscavam. Como exemplo da insatisfação que sentiam, Ângelo (ManoTauros, 2018) citou as fotos que os membros do Bharbixas publicavam nas mídias sociais.

Uma das coisas que pegou quando a gente saiu do Bharbixas, que o Bharbixas faz questão de *estereotipar* as fotos. A palavra que eu queria usar é mais que estereotipar... É uma *caricatura* de um gay que pode existir talvez no imaginário hétero, no imaginário gay, e que a gente acha que muito mais aumenta o preconceito do que diminui. (Ângelo, ManoTauros, 2018)

A Figura 14 é uma foto da equipe do Bharbixas que exemplifica o padrão de produção de imagens para o qual Ângelo (ManoTauros, 2018) apontava. Como comparação, a Figura 15 demonstra o padrão das imagens produzidas pelo ManoTauros. Ângelo (ManoTauros, 2018) atribuía o comportamento dos membros do Bharbixas presente nas fotos à forma como os héteros veem os gays, e não à forma como os membros do Bharbixas se autorreconheciam. Ele via essa manifestação de gênero como um estereótipo ou uma caricatura, portanto, não como uma manifestação adequada ou legítima.

Ângelo (ManoTauros, 2018) falou também sobre as preocupações que os membros fundadores do ManoTauros tiveram na hora de construir a identidade do time. Primeiro, ele me contou sobre a escolha do nome.

Tudo isso ainda no sentido de criar algo que fosse *aterrorizante*, ou que passasse medo. Naquele brainstorming, foi surgindo um tantão de nomes. Até que alguém falou:

– Ah, qual vai ser o mascote?

Depois de a gente pensar em um, alguém falou:

– Ah, mas esse aí é muito fofinho. Esse não.

Aí, o Eduardo falou:

– Ah, vamo colocar [falando com voz grave e rouca] Minotauro!

Mas era um Minotauro mesmo! Aí, alguém falou:

– Esse aí não ficou legal.

Aí, o Eduardo falou:

– Eu queria, talvez, o *oposto* do BhARBIXAS, eu queria algo que fosse bem...

Ai, não... vou voltar à palavra que eu não gosto *de novo*, que é *heteronormativo*. Mas, assim, que fosse o oposto do BhARBIXAS, sabe? Aí, o Eduardo falou:

– Ah, vamo colocar o time de Minotauro!

Só que alguém falou:

– Ah, mas Minotauro vai ficar parecendo que é o cara do MMA.

E como eu queria alguma coisa mais de mano, eu falei:

– Ah, por que não coloca ManoTauro?

Mas, aí, rimos lá: nada a ver! Só que o Eduardo respondeu:

– Ah, eu gostei de ManoTauro.

Porque juntou duas coisas que a gente queria, que é uma coisa aterrorizante do Minotauro, aquele *homem forte*, e a questão de falar: “*não somos viadinhos*”. Lá no início, tinha essa visão, mas ainda muito focada na raiva que a gente tava do BhARBIXAS. Aí, teve essa fusão de duas coisas: O “mano” pra falar: “olha, não é um time... embora seja gay, não se posiciona como caricatura”. Acaba que seria a *caricatura de outra coisa*, né? (Ângelo, ManoTauros, 2018)

O desejo de não serem vistos como “viadinhos” – assim, no diminutivo, para demarcar a inferiorização – é algo destacado: não basta não ser viadinho, também é preciso não ser visto como um. A palavra “mano” remete a outro tipo de gay, um gay másculo. Apesar disso, Ângelo (ManoTauros, 2018) demonstrava a consciência de que o modelo hipermasculino que eles buscavam também é uma caricatura. Porém, Ângelo (ManoTauros, 2018) parecia ver essa caricatura como legítima. Afinal, para que gays sejam vistos como “homens de verdade”, eles precisam ter uma manifestação de gênero em conformidade com a masculinidade padrão. No entanto, o nome escolhido acabou se tornando mais uma arma simbólica para o Bhargixas provocar o novo time que surgia: bastou um simples jogo de palavras para que eles comessem a ser chamados de “manoteiros”²⁷ pelos rivais. Ângelo (ManoTauros, 2018) também me falou sobre o processo de construção do mascote do time.

Então, até o nosso mascote inicial, que tava muito mais pra um capeta do que pra um Minotauro, ele ficou um mascote mais simpático. Ainda assim, másculo... [ênfase em “ másculo”] mas, ainda assim, um mascote muito mais simpático que a cara anterior. Lá no início, eu, o Eduardo e o outro fundador do ManoTauros, quando a gente contratou o cara pra desenhar a logo do time, a gente pediu: “oh, a gente quer uma coisa extremamente masculina, aterrorizante, que passasse a sen-

27 “Manota” é uma gíria mineira que significa vexame, passar vergonha, equivalente à gíria “mico”.

sação de medo”. E, aí, até por dificuldades de desenhar isso, o mascote que é hoje, em comparação ao que era a ideia inicial, é um mascote simpático, um boizinho com uma carinha boa... [ênfase em “boa”] Tem nada a ver com o primeiro, que era um boi vestido de diabo, assim, sabe? Mas, o Minotauro por essa questão de força, de masculinidade. O desenho tinha que ser bem másculo, forte e aterrorizante. E nessa sequência: bem másculo, passar essa sensação de masculinidade. Ele falou: “ah, com argola!” E, aí, a gente ia meio que caracterizar ele de mano. Ia colocar umas correntonas. Pra mostrar essa cara que a gente queria, que era essa cara de bravo... a gente queria essa cara de bravo, de bufando... Aí, acabou que foi modificando. Tanto é que, na época: “como é que vai fazer pra caracterizar que é um time gay?” O Eduardo: [com voz brava] “oh, não vai ter nada de caracterização de time gay!” Aí, no fim das contas, aí sim, colocou uma pulseirinha nele que é de gay. E eu tinha pedido uma argola, o cara me coloca um piercingzinho todo mulherzinha... que, no início, eu não gostei. E, hoje, eu acho, nossa, foi a melhor logo! Sabe quando cê não gosta e depois cê apaixona? Foi a melhor logo. Não gosto do piercingzinho dele, mas... E ele ficou com uma cara muito de bonzinho. (Ângelo, ManoTauros, 2018)

A Figura 16 mostra como ficou o mascote do ManoTauros. Apesar da cara de bravo e da demonstração de força e masculinidade a partir da exibição do corpo musculoso, Ângelo (ManoTauros, 2018) acreditava que ele ficou com uma cara de “bonzinho” e “simpático” em relação a como ele seria anteriormente. Como comparação,

a Figura 17 traz o mascote do Bharbixas: um veado em uma pose afeminada como a que os membros fazem para tirar as fotos. Por fim, Ângelo (ManoTauros, 2018) me falou que até mesmo as cores do time foram escolhidas com a mesma finalidade: “a gente escolheu vermelho e preto, justamente pela escolha do mascote. Como a gente queria aterrorizante, a gente acha que o vermelho e preto passa muito mais essa sensação. O vermelho e preto foi escolhido no sentido de tentar passar terror”.

Figura 16 – Mascote do ManoTauros



Fonte: ManoTauros

Descrição: Minotauro forte e bravo, mostrando o muque e com as cores da bandeira LGBTQIAPN+ nos pulsos. Abaixo dele, está escrito “ManoTauros F.C”.

Figura 17 – Mascote do Bharbixas



Fonte: *Instagram/Bharbixas*

Descrição: Veado fazendo pose afeminada e com a barba nas cores da bandeira LGBTQIAPN+. Sobre ele, a palavra: “Bhambixa”.

Essa briga entre os dois times por causa da diferença na manifestação de gênero dos membros de cada um acabava sendo projetada na relação deles com os demais times do país. No aniversário do Bharbixas no Mineirão, Ângelo me apresentou para um membro do Alligaytors (RJ). Ele perguntou para esse visitante se o Alligaytors havia sido convidado para o evento. O visitante perguntou por que, e Ângelo disse que achava que os membros do Bharbixas não gostavam muito deles, por considerá-los muito “heteronormativos”. O membro do Alligaytors pareceu um pouco surpreso.

Apesar de tudo isso, Ângelo (ManoTauros, 2018) afirmava que o ManoTauros estava aprendendo a lidar melhor com a afeminação. No entanto, ao mesmo tempo, ele revelava um alto grau de afeminofobia,

que, pelo menos no início, ainda perpassava os membros fundadores do time. Isso porque eles reagiam de forma fortemente negativa à atribuição de características femininas a eles por parte de outras pessoas. Como discutimos anteriormente, gays masculinizados costumam apresentar maior grau de afeminofobia. De todo modo, Ângelo (ManoTauros, 2018) me contou como esse processo estaria acontecendo. É possível perceber que ele se contradisse ao afirmar que nunca tiveram problemas com afeminados, mas, ao mesmo tempo, retratar episódios de afeminofobia.

Os meninos são mais brincalhões. Tipo, na primeira *live*, por exemplo, a gente tinha essa brincadeira. Alguém fez uma brincadeira no sentido mais afeminado. Aí, falou: [voz de bravo] “ah... isso aqui não!” No primeiro dia, o menino lá falou assim: “a senhora...” comigo. E, aí, já super silêncio. “não aceito jamais ser chamado no feminino!” Aí, falou: “mas é um time gay”, “então, *vai jogar no Bhargixas, aqui não é seu lugar!*” Já excluimos o menino. Pois o Eduardo, que é o mais estourado: [fazendo voz de riso] “gostei do que cê falou, coisa!” Já... já incluiu o menino de volta. E, hoje, já acontece essas brincadeiras no time assim, o tempo inteiro. Aí, a gente chegou à conclusão, hoje... isso vai mudando, né? Que, cara, não importa se o cara é afeminado ou não é afeminado... Aliás, a gente nunca teve problema com afeminados lá. Tanto que

pra gente não importa se o cara vai brincar, se vai falar no feminino, se não vai falar. (Ângelo, ManoTauros, 2018)

No entanto, em conversa realizada cinco anos mais tarde, Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) olhava para o ideal de masculinidade do ManoTauros em retrospecto e identificava que ele foi, na verdade, um plano que nunca chegou a se concretizar de fato.

Esse *ideal de heteronormatividade* existente na ideia de criação do ManoTauros, ele meio que foi por terra no primeiro jogo mesmo. Porque, embora fosse muito diferente do BhARBixas, nem todo mundo, digamos, se enquadrava num padrão e numa *exigência heteronormativa*, assim, com as pessoas exigindo delas e dos colegas. Não teve isso, embora a gente fosse diferente. O ManoTauros, ele nasceu com a ideia de masculinidade, mas isso não se sustentou. Ele se diferenciava do BhARBixas porque o BhARBixas tinha uma *imposição feminina* muito forte. Mas o ManoTauros não teve essa imposição de masculinidade. Talvez porque eu e o Eduardo *não conseguimos implantar* isso, porque, de fato, essa era a ideia. (Ângelo, ex-ManoTauros, 2023)

Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) assumiu que havia um projeto de construção de um time amasculado. Era algo pensado propositalmente. No entanto, de fato, na nossa primeira conversa, Ângelo (ManoTauros, 2018) já identificava que o time não estava se tornando exatamente o que ele e Eduardo haviam imaginado quando saíram do BhARBixas e decidiram montar uma nova equipe.

A minha pretensão era essa. E tá indo pra outro caminho. Cê monta um time, não é a sua visão, é a visão coletiva. Aí, leva pra outros caminhos que não é o que cê tinha pensado. Acho natural, né? Não é Ângelo Futebol Clube. Vai tendo alterações à medida que as pessoas vão chegando, aí, vai por outros caminhos. E os meninos que chegaram são o corpo do time, né? Espero que chegue mais gente, que agregue nesse processo de construção. Os meninos que chegaram entenderam a proposta, mas deram outra característica, deram uma *suavizada* nesse... eu acho que nesse *ranço* que a gente tava, lá. Então, eles deram uma cara mais legal pro ManoTauros, que ficou a cara do boizinho lá, que é um boizinho forte, mas é um boizinho simpático, assim, e tal. (Ângelo, ManoTauros, 2018)

Esse processo, que ele já enxergava naquele momento, foi fundamental para a construção da identidade efetiva do ManoTauros. Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) atribui esse poder de modificação a um colega do time em especial.

Na época, ele ajudou muito. A gente virou um trio administrando o ManoTauros: eu, ele e Eduardo. Ele já não tinha dessa, ele transitava em todos os mundos, brincava. Ele se encaixaria perfeitamente na questão do Bhabxas, por exemplo. Embora ele não fosse tão afeminado, ele sabia brincar, então, tudo pra ele tava válido. Ele deu essa cara pro ManoTauros de ter gente que, se chamasse no feminino, era morte, e ter gente que se chamava no feminino. Não que fosse: “ai, meu Deus, a democracia é linda, lá-lá-lá”. Não era isso. Afeminado,

afeminado tinha poucos. A maioria lá tentava ser mais masculinos, digamos assim. Mas quando se comparava a gente com o Bharbixas, sim: havia uma diferença muito [ênfase em “muito”] grande, muito gritante mesmo. E, aos poucos, foi diminuindo. (Ângelo, ex-ManoTauros, 2023)

Mas Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) afirmava que, no final das contas, o ManoTauros se aproximou de um padrão que seria seguido por todos os outros times de Belo Horizonte, com a exceção do Bharbixas: “o que era o diferente mesmo era o Bharbixas, não era o resto. O Bharbixas ficou sendo algo excepcional. Eles eram inovadores nesse sentido”. Para ele, ManoTauros e Predadores eram, de fato, predominantemente amasculados. Por outro lado, ele acreditava que o Inconfidentes Pride e o Felinos tinham um perfil mais “democrático”, ou seja, uma variedade maior de manifestações de gênero. No entanto, ainda assim, esses dois últimos seriam mais parecidos com o ManoTauros do que com o Bharbixas, já que não haveria uma “imposição” de afeminação em nenhum deles.

Felinos era mais mesclado e continua, hoje, bem mesclado, mais democrático, digamos assim. O Inconfidentes também é mais democrático. Tem gente extremamente masculina, tem gente mais afeminado, mas não tem a pegada do Bharbixas de ser estritamente afeminado, de ter orgulho disso. É uma pegada, aí, digamos, mais parecida com o Predadores e com o ManoTauros. (Ângelo, ex-ManoTauros, 2023)

Porém, ele destacou que, no Predadores, também havia jogadores afeminados, apesar da aparência mais amasculada que

o time apresentava, no geral. O Alcateia, de Manhuaçu, também seria mais amasculado. Para Ângelo (ex-ManoTauros, 2023), além do ManoTauros, o Bharbixas foi criando rixa também com o Predadores e o Alcateia, justamente pela questão da manifestação de gênero predominantemente amasculada dos membros dos times. Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) comparava o Bharbixas com outro time brasileiro que teria um perfil semelhante: “eles pareciam muito com o time do Sul que chamava Pampacats, que tinha essa pegada afeminada também”. De fato, as duas equipes tinham um relacionamento próximo durante meu trabalho de campo. Em uma pelada na qual eu joguei com o time, por exemplo, um dos jogadores usava uma camisa do Pampacats. Na 5ª edição da Champions LiGay, também foi possível ver como os membros do Bharbixas pareciam gostar muito desse outro, pois também torciam por eles.

Quando conversei com Lúcio (Bharbixas, 2023), mais de cinco anos após a cisão do ManoTauros com o Bharbixas, ele já falou sobre esse acontecimento de uma forma muito mais conciliadora, demonstrando uma superação da mágoa que existia naquele momento.

O ManoTauros, ele surgiu a partir de jogadores que jogavam com a gente e que, de certa forma, não concordavam como que a gente se comportava, né? O se comportar, eu digo mesmo, assim, na atitude física, assim, falando, sabe? Então, levantar essa pauta afeminada dentro de quadra e tal era complicado pra alguns jogadores. Eles não se identificavam ou, então, não gostavam e tal. E gerou desgaste e gerou atrito. E, aí, eles saíram, fundaram o ManoTauros, e tá tudo bem. Tocando no

ponto de que cada um faça aquilo que se sinta bem, respeitando um ao outro, tá ótimo, assim. Foi o que aconteceu. Eles montaram um outro time, a gente teve, ali, essa relação, né, de rivalidade [voz de riso] que acontece entre os times normalmente, assim. Mas é um time que a gente deve todo respeito. É um time que existe ali e tá ali junto à gente na luta, tá ali com a gente levantando a bandeira. Então, todo o nosso respeito e solidariedade aos meninos, aí. Eles tiveram os motivos deles e muito plausível. Então, isso é história passada, já ficou no passado, já tá tudo resolvido. (Lúcio, BhARBixas, 2023)

Para Daniel (ex-BhARBixas, 2023), a dicotomia entre afeminados e amasculados não faz mais sentido no futebol LGBTQIAPN+ atualmente.

Eu vejo de outra forma isso. Eu acho que isso era muito primórdios do futebol LGBT, de ter uma alcunha de afeminado, a alcunha de, sei lá, um padrão heteronormativo. Eu, cinco anos dentro do futebol... aquele Daniel que existia lá em 2017, que tinha vivido inteiramente só com homens héteros, tinha vivido futebol só com homens héteros, ele não existe mais de maneira alguma dentro de mim. Tanto BhARBixas quanto Inconfidentes Pride me ajudaram muito a evoluir. Hoje, eu sou uma pessoa que eu sou quem eu sou em qualquer lugar, seja no futebol heteronormativo, seja no futebol LGBT. Se eu tiver que dar pinta, eu dou. Se eu tiver que falar besteira, eu falo. Enfim, eu acho que, como ser humano, como pessoa, como me conhecer como homem gay. E de não me preocu-

par se eu tou sendo afeminado ou não, isso não é importante mais pra mim. Eu sou quem eu sou e ponto. Então, às vezes, a gente faz gol, passa a mão atrás do cabelo, assim, como se tivesse cabelo grande, amarra o cabelo aqui em cima, como se tivesse... Então, assim, isso já aconteceu, por exemplo, de eu tar jogando no futebol heteronormativo, e tinha uma pessoa que eu tava ficando na época, de ele ter feito gol e a gente se beijar nesse momento. Então, isso não é mais importante. Eu acho que não existe mais. Claro que somos pessoas diferentes dentro do meio LGBT, mas, no futebol em si, eu acho que todo mundo hoje é mais à vontade pra ser quem é realmente. Então, não existe mais essa distinção. Acho que isso era muito inicial. Hoje, as pessoas já se sentem mais à vontade. Então, você pode ser quem você quiser. E acho que, geralmente, isso acontece: a pessoa sempre chega mais, assim, né, aquele padrão e depois vai se soltando, depois vai se jogando, sabe? Vai ficando à vontade, porque o grupo te permite isso. O grupo faz com que você se torne uma pessoa melhor e seja você mesmo. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Ele acreditava que, hoje, no futebol LGBTQIAPN+, existe muito mais diversidade: “eu acho que, hoje, dentro do futebol, e é o que tem que ser, né, ele é muito mais diverso. Esse futebol LGBT, ele foi começando a ser reconhecido e foram trazendo mais pessoas de todos os tipos, de todas as identificações, enfim, é a inclusão em si, né?” No treino do ManoTauros com o Predadores que eu acompanhei em 2022, alguns jogadores apresentaram manifestações de gênero

mais afeminadas, mas, no geral, predominava um perfil amasculado. Apenas um jogador dançava de forma mais afeminada antes do treino, mas não repetiu essa ação posteriormente. Além disso, alguns jogadores se cumprimentavam de forma afeminada (“tá boa, gata?”, “inhaí?”), mas não mantinham esse tom na sequência da conversa. O treinador do time brincou, em um momento, referindo-se a alguns jogadores como “discretas”.

No entanto, para Ângelo (ex-ManoTauros, 2023), o caso do Bharbixas e do ManoTauros não é singular: “o ManoTauros é uma cisão do Bharbixas. O Predadores é uma cisão do Felinos. E todos nasceram mais ou menos... A mesma história se repete, sabe, por questões extracampo. Geralmente nessa questão de feminilidade, masculinidade, e acaba se separando”.

AMASCULOFOBIA?

A afeminofobia sofrida pelos membros do Bharbixas pode ser facilmente constatada. Mas será que é possível dizer que os membros do ManoTauros também sofreram um tipo de “*amasculofobia*” por parte dos membros do Bharbixas? Faria sentido pensarmos nessa possibilidade, ou estaríamos frente a uma falácia como o “racismo reverso” e a “heterofobia”? Apesar de Ângelo (ManoTauros, 2018) afirmar que nunca sofreu preconceito em “times hétero”, tendo jogado neles por décadas como gay declarado, ele afirmou que só foi ser discriminado no Bharbixas.

Senti muito mais preconceito no ambiente gay. No Bharbixas, foi o único time que eu já joguei que eu não me senti incluído.

Inclusive, no início lá, eu fui expulso. Voltamos pra jogar a LiGay, mas, assim, eu não participava do grupo do *WhatsApp*. Eles excluíram. Lá exigia-se... Lá tem uma bandeira da diversidade, mas que não é respeitada. A bandeira lá é: “olha, vamo defender a diversidade”, “*qual diversidade?*”, “essa aqui”, “que *todo mundo tem que ser afeminado*”, “que todo mundo tem que gostar de Anitta”... E se sair um pouquinho? “ah, não, mas, aí, é contra a diversidade”. Eu não sei que diversidade é essa que eles defendem que todo mundo tem que ser afeminado. Por exemplo: lá, o treino e as peladas são ao som alto. Nenhum lugar tem futebol com som alto. É impossível jogar, sabe? Cê precisa de comunicação. Aí, falei: “não, não gosto, o foco é no futebol”. Então, isso gerava briga. “ah, então, por que que vai tocar Anitta?” Aí, eu falo: “eu não gosto de Anitta”. Eduardo: “é, eu também não gosto”. “ah, não! É gay e vai tocar Anitta”. Então, *não é diverso*, entendeu? (Ângelo, ManoTauros, 2018)

Independentemente de podermos pensar ou não em um preconceito ou discriminação contra gays amasculados, fica evidente que há uma disputa por um modelo hegemônico de masculinidade (Connell e Messerschmidt 2013). Se, na sociedade como um todo, o modelo viril é o hegemônico, no microcosmo do futebol LGBT-QIAPN+, as relações de poder podem ser outras, e uma hierarquia de masculinidades diferentes pode ser buscada a partir da disputa pela definição de um padrão que pode até mesmo ser o modelo marginalizado fora desse universo. Ângelo (ManoTauros, 2018) disse

que um dos motivos para ele ter sido expulso do grupo do *WhatsApp* do Bhabixas foi por “criticar uma ‘cultura gay’” que ele “não concorda”. Ele acreditava que existem diferentes perfis de gays, sendo prejudicial buscar uma uniformização.

Eu falei: “olha, gente, minha visão: *existe gay de todo jeito*”. Não dá pra pegar os héteros e falar: “o hétero gosta disso”. Não dá pra fazer um cercadinho e falar que os héteros são aquilo. Então, da mesma forma, eu não concordo que tem que fazer isso com os gays, sabe? Tipo, não é porque eu sou gay que eu tenho que gostar desse estilo de música ou não gostar daquele. Desse esporte, ou não daquele outro. Tanto é que a gente tá lutando exatamente contra isso. Então, teve essa discussão também. Aí, assim: já percebi que já se criam nos bastidores que “ah, o Bulls, o ManoTauros e o Bravus são heteronormativos”. Odeio essa palavra. *Heteronormativo*. Falei: “gente, quem chama alguém de heteronormativo é o cara que tá querendo que tenha um *gay normativo*, que gay tem que ser desse jeito”. “ah, o Ângelo não gosta de Anitta porque ele tá muito ligado aos padrões heteronormativos”. Ah, eu não gosto porque eu não gosto e pronto! Não é porque “ah, eles não vão gostar. Meus amigos hétero vão achar que eu não...” Um tantão de amigo meu hétero adora, não tem nada a ver, cara. Então, eu acho que tipo assim: a gente tá lutando contra o preconceito, mas tá tentando colocar todo mundo numa caixinha. E quem não cabe tá sendo excluído, ou tá sendo amassado pra caber lá dentro. E isso é ruim, sabe? (Ângelo, ManoTauros, 2018)

Ângelo (ManoTauros, 2018) buscava fazer uma simetria entre heteronormatividade e uma “normatividade gay”. Ele se referiu de forma crítica à visão de que o gay amasculado estaria errado. No entanto, ele não trouxe para essa discussão a perspectiva contrária, ou seja, a de achar inadequada a manifestação de gênero de gays afe-minados. Portanto, se os membros do BhARBixas achavam que só a manifestação de gênero deles estava certa, por outro lado, o membro do ManoTauros também fazia o mesmo ao chamar os primeiros de caricaturais e estereotipados.

Na perspectiva de Ângelo (ManoTauros, 2018), existem normas que políciam como os gays devem ser. Ele contou que não sabia quem era RuPaul²⁸ quando estava no BhARBixas, e achavam que ele tinha que saber por ser gay. Segundo ele, uma vez, fizeram um “teste” para ver se ele era gay, perguntando sobre Kim Kardashian²⁹, que ele também não conhecia. É possível que esse tipo de “brincadeira”, dependendo do contexto, também possa ter um caráter de “*bullying*” ou até de tentativa de humilhação. Ângelo (ManoTauros, 2018) contou com indignação que, na Taça HorNet, por ter um caráter mais de diversão, algumas pessoas queriam colocar *lip sync*³⁰ no lugar de pênaltis, no

28 Drag queen estadunidense conhecida por comandar o reality show *RuPaul’s Drag Race*, uma competição de drag queens.

29 Uma socialite estadunidense conhecida por estrelar o reality show *Keep up With the Kardashians*, com o restante da sua família.

30 Performance na qual a pessoa finge cantar uma música em playback. É uma forma de apresentação comum de drag queens. Em *RuPaul’s Drag Race*, as competidoras mais mal avaliadas disputam quem vai continuar no programa a partir de uma batalha de *lip sync*.

desempate. Ele teve que pesquisar no Google para entender o que era isso. Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) contou também sobre uma questão envolvendo o seu pronome de gênero.

Eles sabiam que eu não gosto de ser chamado feminino. Então, minha camisa vinha inscrita “a goleira” [ênfase no “a”]. E eu nunca usei essa camisa. Eu não queria ser chamado no feminino. “não, você tem que chamar” A camisa foi feito, assim, sem a minha consulta, sem nada. Eu falei: “não vou usar”. “não, tem que usar, tem que usar”. Eu não usei e a gente nunca se deu bem assim, sabe? (Ângelo, ex-ManoTauros, 2023)

Porém, para Roberto (Bharbixas, 2018), o que levava os membros do seu time a rejeitarem algumas pessoas não era a manifestação de gênero delas, mas sim o desrespeito.

A questão não é a aparência em si. A questão é a mentalidade. Não importa se você parece um [com voz grave] hétero cis. Desde que você respeite os outros, o time vai te receber. O time muda o tratamento não é de acordo com a sua aparência, mas é com o seu comportamento. (Roberto, Bharbixas, 2018)

No entanto, Pedro (Bharbixas, 2018) também relatou uma situação que talvez pudéssemos ler como um tipo de “zoação”, ou até mesmo “*bullying*”, contra membros que se comportam de forma amasculada.

Assim, entre nós do Bharbixas, a gente sempre faz piada com os outros times. Masculinizados, sabe? Na hora de tirar as fotos, na hora do *close*, às vezes tinha alguém mais tímido,

aí a gente fala: [com voz afeminada] “ah, cê é BeesCats, por acaso, bicha? Ah, se solta, viado!” E agora a gente transferiu isso pro ManoTauros. (Pedro, Bharbixas, 2018)

Assim, percebe-se que há um “chumbo trocado” na disputa por essa suposta “normatividade gay”. Mais do que agressores e vítimas, os envolvidos se comportam como rivais.

O QUE OS OUTROS VÃO PENSAR DE NÓS?

Para Ângelo (ManoTauros, 2018), um time “estereotipado”, ou seja, afeminado, não contribuía para a causa de incluir os gays no futebol: “o que a gente defende é que uma forma de mostrar que gay joga futebol é a gente formar um time que não é estereotipado”. Ele falou sobre a recepção dos dois times, apontando que o ManoTauros seria muito mais bem aceito socialmente que o Bharbixas.

Até me surpreende. No Bharbixas, havia crítica pelo fato da caricaturização, e, no ManoTauros, pelo menos eu vejo até agora uma receptividade grande. Inclusive, patrocinadores que eu tentei levar pro Bharbixas, não aceitaram, e quando eu falei da proposta do ManoTauros aceitaram, sabe? Então, eu vejo assim, não consigo separar as pessoas entre gays e hétero. Então, eu converso com todo mundo normalmente. Aí, vejo que os héteros apoiam mais a ideia do Mano do que dos Bharbixas. Assim, abertamente conversando com eles... a conversa que eu tive com um cara de um time hétero que eu jogo, no vestiário,

os dois pelados, tomando banho, um de frente pro outro... Ele falando dos Bharbixas e do ManoTauros, na visão dele: “ai, que não precisa ser *daquele jeito*”, porque ele acha que daquele jeito *queima meu filme* e do Eduardo, que joga muito com ele. E achou legal ter criado outro time. E, aí, vai muito aquilo que eu te falei, que acho que os Bharbixas criam auto-aceitação pra quem é do meio, pra quem tá precisando dessa autoaceitação. A nossa aceitação da sociedade como um todo, aí sim, heteronormativa, eu acho que, aí sim, ela, em alguns momentos, ela joga contra. Mas também não sei se tem que jogar a favor não, tá? Não sei se: “ah, não! Então, a sociedade quer assim, então, vamo fazer assim do jeito...” Também não sei se é isso. Eu falo assim: de fato, analisando só o resultado, eu acho que é mais fácil eu explicar pros meus amigos um time igual o ManoTauros do que do que um time igual o Bharbixas. Se bem que também já tive reação contrária, eu explicando pro meu colega. Expliquei o ManoTauros, falou: “ah, entendi!” Ele é hétero, joga em time de hétero. “ah, cê montou *um time gay hétero!* É isso!” [risos] (Ângelo, ManoTauros, 2018)

Apesar de indicar uma afeminofobia por parte de pessoas de fora da comunidade LGBTQIAPN+ que levaria a uma maior aceitação do ManoTauros do que do Bharbixas, Ângelo (ManoTauros, 2018) também apresentou um senso crítico a esse respeito, dizendo que não sabia se o melhor caminho, de fato, seria se submeter aos critérios da normatividade para agradar o restante da sociedade. Ele até contou sobre a fala de um colega que, de certo modo, criticou a inici-

ativa do ManoTauros. Ele riu dessa provocação, entendendo a lógica de pensamento do colega. De todo modo, ele sugeria acreditar – e se incomodar com isso – que o BhARBixas “queima o filme” dele, ou seja, faz as pessoas pensarem que ele também é afeminado.

Para Ângelo (ManoTauros, 2018), o BhARBixas cumpria um papel importante na aceitação da própria afeminação de alguns gays que chegavam ao time. Ele reconhecia a importância da iniciativa do BhARBixas de lutar contra o preconceito que existe contra gays afeminados: “então, o BhARBixas é muito mais que um time de futebol. E é isso, tem que tirar o chapéu pra eles, tem que aplaudir”. Mas isso só seria bom para os próprios afeminados, uma vez que, para o restante das pessoas, isso geraria uma visão negativa.

Eu acho que, do jeito que tá hoje, acho que, aos poucos, vai mudando também. Mas eu acho que, do jeito que tá hoje, os times estão mais pra criar uma aceitação dos gays em relação ao ser gay, sabe? O BhARBixas tem uma importância gigante nisso. Ah, o cara que é afeminado, que tem mais dificuldade naquele processo ali de autoaceitação e tudo... E tá criando mais um respaldo pra que esse gay encontre iguais e possa assumir. Não só como homossexual, que essa parte é mais fácil, mas *assumir como afeminado*, por exemplo, que o BhARBixas bate nessa bandeira. Então, eu acho que o BhARBixas e outros times estão trabalhando muito nessa parte, que é bacana, de *autoaceitação* dentro do universo GLS. Dentro do universo não. Por uma parcela do universo GLS. Esses mais afeminados. Aqueles, os famosos fora do meio [risos] já viam

totalmente atravessado. Acha que isso só reforça o estereótipo, a caricaturização e vê isso como algo ruim. E fora do mundo gay, né? Héteros, ou os não gays, também vê como aumento de preconceito. Isso mais aumenta o preconceito. Pelo menos é essa visão que eu tenho, assim, esse movimento. (Ângelo, ManoTauros, 2018)

É interessante como Ângelo (ManoTauros, 2018) apontou que se assumir como afeminado seria mais difícil do que se assumir como gay. No entanto, ao mesmo tempo, deslegitimou essa saída do armário como afeminado. Ele atribuía aos “fora do meio” o pensamento de que a manifestação de gênero dos membros do BhARBIXAS seria uma caricaturização, mas falava desses “fora do meio” como outros, e não como ele mesmo, que apresentava essa mesma opinião. Esse discurso de ser “fora do meio” revela uma depreciação de espaços de afirmação da identidade gay. Ângelo (ManoTauros, 2018) acreditava que algumas ações do BhARBIXAS mais reforçam os preconceitos do que ajudam a combatê-los, como as poses “virando a bunda” para a câmera, que ele considerava “vulgares”. Por isso, ele disse que, no ManoTauros, os membros eram orientados a não fazer poses consideradas como essas. Como vimos anteriormente, as poses são importantes na representação imagética de homens não heterossexuais no que diz respeito à masculinidade.

Ainda na perspectiva de sair do armário como afeminado, levantada por Ângelo (ManoTauros, 2018), Daniel (ex-BhARBIXAS, 2023) acreditava que se assumir gay não necessariamente implica em assumir ser quem realmente se é.

Uma coisa é você se assumir, né? É o primeiro passo. A outra coisa é você ser realmente quem você é. Porque você é criado o tempo todo pra ter um padrão heteronormativo, né? Sua família te cria assim. Principalmente uma pessoa envolvida com futebol, igual eu fui a vida inteira. Então, talvez eu fosse um homem gay que não fosse eu totalmente, por exemplo. Só era assumido. Talvez tivesse problemas de me relacionar, por exemplo, com alguém. Se eu não tivesse encontrado o futebol LGBT na minha vida. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

A seguir, vamos discutir como esse foi um processo vivenciado de forma intensa por Roberto (Bharbixas, 2018), no Bharbixas.

EX-PADRÃO

Eu entrevistei o Pedro (Bharbixas, 2018) antes de entrevistar o Roberto (Bharbixas, 2018). Mesmo sem ter me referido a ele durante a entrevista, Pedro (Bharbixas, 2018) citou o colega como exemplo de alguém que reviu suas concepções sobre afeminação e masculinidade por causa do Bharbixas.

O Roberto é uma das pessoas que sempre dá depoimentos falando sobre como o Bharbixas mudou a percepção dele. Ele era muito [ênfase no “muito”] *heteronormativo*, por exemplo. No início, ele até pensou assim: “ah, será que eu vou querer ir lá jogar com essas bichas?” Porque abre o nosso *Instagram* é *close* o tempo inteiro. E, pra ele, ele falava: “ah,

eu não eu sei”, porque ele tinha esse receio. E, aí, quando ele começou a jogar com a gente e começou a conversar e conviver, ele sempre fala isso, que “mudou minha cabeça, hoje eu tenho uma cabeça completamente diferente... eu percebo o tanto que eu era homofóbico com os meus amigos gays que não performavam um certo padrão”. Então, isso realmente existe dentro do time. (Pedro, Bharbixas, 2018)

Pedro (Bharbixas, 2018) contou sobre a experiência de Roberto com orgulho, como uma prova do potencial transformador do Bharbixas. O próprio Roberto (Bharbixas, 2018) contou que, quando foi adicionado no grupo do *WhatsApp* do Bharbixas, ele ficou em dúvida se iria ou não a uma pelada do time.

Eu, no início, fiquei só observando, participei muito pouco do grupo e não fui a nenhuma pelada. Eu tinha medo, na verdade. Eu ficava com o pé atrás pensando: “será que vai chegar lá, as pessoas vão realmente jogar futebol, ou vai ser uma coisa avacalhada?” Por outro lado, eu ficava pensando também na exposição. Falava: “nossa!” Até pelas fotos que eu via dos treinos, do pessoal fazendo aquelas poses e tirando as fotos igual eles fazem até hoje, porque o Bharbixas tem muito orgulho de dizer que não só é um time LGBT, mas é o *único assumidamente afeminado do Brasil*. Eles dizem isso, né? Então, eu não ia. Mas teve um dia que eu não tinha nada pra fazer num domingo à noite. Eu falei assim: “quer saber? Eu vou lá ver de qual é que é!” Peguei minhas coisas de futebol, falei: “eu vou chegar lá e ver”. (Roberto, Bharbixas, 2018)

É interessante como, mesmo tendo se inserido no grupo, Roberto (Bharbixas, 2018) ainda falava do posicionamento do Bharbixas, em alguns momentos, como o de outras pessoas (“eles dizem isso”). Ao chegar à pelada e perceber que havia dois grupos, um mais normativo e um mais afeminado, Roberto (Bharbixas, 2018) precisou se posicionar. O grupo que formaria o ManoTauros estava fazendo aquecimento com a bola.

O primeiro instinto meu foi ir pro grupo que tava querendo jogar... que tava jogando futebol, que tava brincando com a bola. E eu me identifiquei primeiramente com o Ângelo, que foi um dos que foi expulso do grupo. Naquele momento, eu me identifiquei com aquele grupo, comecei a conversar mais com eles. E o outro grupo, eu não tive muita identificação. Então, naquele momento, eu percebi exatamente dois grupos e eu me identificava com um. E acabou que eu gostei do que eu vi naquele primeiro dia. Fui com eles depois tomar uma cerveja, só que quê que aconteceu? Naquele dia, os dois grupos, era tão clara a divisão, que um grupo foi pra casa do Ângelo, e o outro grupo foi pro bar. Eu achava que iam todos juntos, e eu fui pro bar. Quando eu cheguei no bar, era grupo dos afeminados que tava no bar. E foi muito interessante, porque, ali, eu fiquei um pouco acanhado, rolava algumas coisas, tipo passava um *boy* bonitinho assim, aí, a galera começava a bater palma na mesa, e todo mundo no bar ficava olhando assim e ficava... E eu fiquei um pouco acanhado, meio com vergonha. Um dos garçons do bar, inclusive, é ex-garçom de um outro bar que eu frequenta-

va e ele me viu lá com a galera, mas não falou nada. E eu fiquei assim: “meu Deus, essa galera é muito espalhafatosa”, digamos, muito poc. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Foi necessário um acaso para que Roberto (Bharbixas, 2018) se aproximasse dos membros afeminados do Bharbixas. A distância física entre os dois grupos, representada pela ida a locais diferentes depois da pelada, mostra que seria difícil para Roberto (Bharbixas, 2018) rever seus posicionamentos se não tivesse tido a oportunidade de mergulhar melhor na cultura dos membros com os quais ele não se identificou inicialmente.

Por tudo isso, Roberto (Bharbixas, 2018) defendia que o Bharbixas pode ser transformador na trajetória de alguns de seus membros em relação aos pensamentos sobre manifestação de gênero: “eu sou a prova viva, eu acho, disso, sabe? O que eles transformaram dentro da minha cabeça...” Roberto (Bharbixas, 2018) explicou melhor como foi essa trajetória.

Eu nunca pensei que o futebol, que me excluiu a vida inteira e me ensinou a excluir. Eu vendo meus *tweets* antigo quanto eu era machista e homofóbico usando o futebol como uma capa. O próprio futebol me ensinou a incluir, me ensinou a aceitar. Então, tipo assim, pra mim, foi completamente transformador ter contato com essas pessoas e ser repreendido diariamente quando eu fazia qualquer piadinha machista ou homofóbica. E, às vezes, eu nem percebia, porque era um machismo velado, ou, às vezes, eu percebia, mas achava que reclamar daquilo era mimimi. E, no início meu no grupo, se

eu não fui expulso por pouco, porque eu era um dos que contestava, quando alguém contestava uma piada, eu ia lá e falava: “não, mas isso aí é mimimi” ou “isso aí cê tá exagerando”. E eu fui um dos únicos que defendi o Ângelo. Eu lembro do Ângelo me chamar no privado pra me agradecer porque eu defendi ele no grupo, quando ele foi excluído. Eu cheguei a discutir com algumas pessoas exatamente isso, mas depois eu aprendi que a ofensa tá em quem sente, em quem é ofendido. Não é em quem profere a ofensa, não é em quem fala. Então, se eu fizer uma piada que te ofendeu, você tem todo o direito de achar ruim, e eu não posso contestar você achar ruim. Eu te ofendi, ponto. Eu tenho que me retirar e que entender que aquilo não foi legal. E eles me ensinaram muito isso, entendeu? (Roberto, Bharbixas, 2018)

Roberto (Bharbixas, 2018) indicou que o processo que viveu no Bharbixas foi pedagógico. Os membros do time tiveram interesse, disposição e esforço em explicar, em “repreender”, até que ele conseguisse entender a lógica por trás do pensamento que eles defendiam. Mas esse é um processo tenso, que ocorre sempre no limite da relação e da paciência, uma vez que ele quase foi quebrado com a iminente expulsão do próprio Roberto (Bharbixas, 2018) do time. Por isso, ele comentou sobre os membros que saíram do Bharbixas sem ter passado por essa transformação.

Falou-se muito que um deles, o Ângelo, que foi removido: “ah, mas ele é mais velho”. Ele era um dos que era mais velho, de

uma cidade do interior, teve uma criação diferente. Então, ele tem esse machismo, essa homofobia dentro dele e ele reproduz aquilo que ele aprendeu. Ok, a gente tem que ter realmente *tolerância e empatia*... Não tolerância à intolerância, mas tolerância ao ponto de vista ou ao fato de ele não perceber que ele está cometendo, talvez, um machismo, e tentar mostrar um outro lado. A pessoa tem que querer também ver e tem que aceitar quando ela recebe a crítica. E foi o que aconteceu: eles não aceitaram naquele momento, por isso que excluíram eles. Mas, naquele momento, eu via essas pessoas como eu. E eu achava que os outros tavam sendo mimizentos. Hoje, eu não vejo mais essas pessoas como eu. Na verdade, vejo elas como eu antes. E o fato de eles terem saído e criado um outro time, e que tem um *perfil mais hétero cis*, que é um perfil que não é o mesmo ambiente do Bharbixas, eu acredito que eles continuam lá. Mais uma vez, eu não tou afirmando porque eu não fui lá jogar com eles, mas eu tou falando que eu acredito que eles continuam lá reproduzindo essas coisas, porque não tem mais ninguém pra repreender. Eles saíram daqui porque eles tavam sendo repreendidos aqui. Então eu vejo dessa forma, como pessoas que não quiseram aprender, não quiseram aceitar o feedback. Graças a Deus que quando eu conheci o Bharbixas não existiam os dois times, porque eu tenho certeza de que, naquele momento, se eu conhecesse os dois times, aquele Roberto ia pro outro time porque ia se identificar com o outro time, não teria tido a oportunidade de aprender. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Roberto (Bharbixas, 2018) indicou a existência de um eu anterior e um eu posterior ao Bharbixas. O eu de antes se parecia com um desses grupos e o de depois com o outro. Uma forte transformação promovida pelo mesmo futebol que sempre esteve na vida dele, mas antes o ensinava a ser preconceituoso. Para ele, os membros que fundaram o ManoTauros perderam uma oportunidade e já não tinham mais a mesma possibilidade de serem transformados como ele. Em retrospecto, ele acreditava que, se os times já tivessem se dividido antes de ele conhecê-los, ele também teria perdido essa oportunidade. Roberto (Bharbixas, 2018) explicou também como o futebol LGBTQIAPN+ o ajudou a finalmente ter orgulho da sua sexualidade.

Eu nunca tinha entendido o termo “orgulho LGBT”. “Parada do Orgulho”. Porque eu pensava assim: como que cê tem orgulho de ser excluído, de ser diferente... por que que cê tem orgulho? Por quê? Eu não tinha orgulho. Na verdade, antes, eu pensava que se eu pudesse... nesse ponto não antes do Bharbixas, mas antes, há mais anos atrás. Muito antes, eu pensava, eu tinha aquilo como uma cruz, que se eu pudesse escolher não carregar, se eu pudesse escolher nascer diferente, eu teria escolhido nascer hétero cis. Depois, eu aprendi o que que é orgulho. Eu não só me aceitei e, se eu pudesse voltar atrás, eu não me faria nascer diferente. Eu seria exatamente igual, como eu aprendi o que é que é ter orgulho. E eu acho que precisou do futebol, que era talvez a coisa que foi a minha maior capa a vida inteira, mas foi também o maior ponto exatamente de não ter orgulho, de repressão, foi o próprio futebol me

mostrar que sim, eu tenho orgulho. Quando o Bharbixas foi campeão brasileiro, eu fiquei com muito orgulho. Não só de ser meu time, mas de ser parte daquilo como futebol e como LGBT. Então, eu entendi o que que é o orgulho. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Roberto (Bharbixas, 2018) apontou como o futebol LGBTQIAPN+ pode ser transformador em relação ao próprio futebol. O caráter ambivalente do esporte em sua vida mostra como ele traz potencialidades diferentes de acordo com seus usos sociais. Como disse na discussão realizada na introdução, o futebol que eu conhecia era apenas o retratado por Roberto antes de conhecer o Bharbixas. No entanto, esse outro futebol possível também não era conhecido não apenas por Roberto (Bharbixas, 2018), mas pelos jogadores entrevistados em geral. Apesar disso, ele ressaltou que o Bharbixas não foi responsável por essa modificação sozinho.

Eles foram a gota que precisava da água, a cereja do bolo, eles tocaram um lado meu que eu ainda não tinha me tocado. Eu não me aceitei por causa deles. Eu me aceitei por causa dos meus amigos, que sempre me acolheram muito bem, os que são igual eu e que não são. Inclusive meus amigos héteros que, quando eu me assumi, a relação ficou ainda melhor. Eu não me aceitei por causa do Bharbixas, mas eles foram importantíssimos na aceitação. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Logo, o Bharbixas também não seria uma vivência milagrosa. Ela potencializaria e daria sentido a discursos e ações com as quais já

se havia tido contato anteriormente, não apenas por partes de amigas, amigos e amigues LGBTQIAPN+, mas até mesmo, segundo ele, de amigas e amigos heterossexuais cisgêneros. É interessante como ele fala que “se aceitou”, indicando a saída do armário como afeminado referenciada por Ângelo (ManoTauros, 2018). Também um membro do Natus (SP), com quem conversei na 5ª edição da Champions LiGay (2019), relatou-me como membros do seu time deixaram de lado uma amasculação intencional ao perceber que ela não era necessária, passando a apresentar uma manifestação de gênero mais espontânea.

Tem sim os que têm mais... apresentam mais virilidade e os que são mais afeminados. Só que isso é o que eles apresentam, não? Porque, na verdade, tem alguns colegas nossos que entraram no time com um aspecto mais viril. porque entende que, por ser futebol, tem que ter virilidade. Mas, depois, a gente foi entendendo que, com o tempo, eles ficavam mais à vontade tendo trejeitos, sendo afeminados. E, como eles perceberam que dentro do time não havia problema nenhum... Mesmo sendo bastante afeminados, poderiam jogar tranquilamente... o importante é que quisesse... tivesse vontade de jogar... isso acabou acontecendo. Então, eu vejo sim jogadores bastante viris e outros afeminados e outros que tão no meio-termo. Mas isso é o que a gente vê. E eu acredito que tem muitos jogadores que são viris porque eles sabem, ou eles acham, que não podem jogar futebol de outro jeito. Porque, na nossa experiência lá do time, tem alguns rapazes que têm jeito masculino, e, depois, com o tempo jogando futebol

com a gente, continuam com jeito masculino. É o jeito dele, e como se sente bem, se apresentando assim. Mas não é pra todos, isso eu tenho essa certeza. Então, me vem na cabeça essa questão de caras se sente obrigados a serem mais viris. É muito associado na cabeça que tem que ser agressivo. A agressividade é do esporte, mas não que tenha que se apresentar de modo agressivo. (Membro do Natus, 2019)

A fala dele é interessante por apontar que existiam jogadores que eram espontaneamente amasculados (manifestação de gênero espontânea) e esses não tiveram que se afeminar para se mostrarem confortáveis com o time. No entanto, havia os que apenas simulavam uma amasculação (manifestação de gênero intencional) e perceberam que esse esforço era desnecessário nesse time.